

***Juventude na Amazônia: experiências e instituições formadoras*, de Maria da Graça Jacintho Setton**

São Paulo: Feusp, 2014.

Antônio Joaquim Severino

Uninove/Feusp
ajsev@uol.com.br

A autora é reconhecida socióloga, especializada em Sociologia da Educação, pesquisadora e docente da Faculdade de Educação da USP, na condição de professora livre-docente, na categoria de professora associada. Como colega de trabalho dela, tive a oportunidade de conhecer e de acompanhar, de longa data, sua trajetória acadêmica, bem como sua produção científica no campo da Sociologia da Educação. Ao tomar conhecimento do relatório desta pesquisa, em particular, avalei que seria de grande relevância dar uma notícia a respeito, ainda que mediante uma breve resenha, à vista do que ela traz de contribuição para todos aqueles que, na nossa área, se preocupam com a formação dos adolescentes.

O que está em pauta no relatório da pesquisa, constituído por um conjunto de seis ensaios, é o processo de socialização de jovens que cursam o ensino médio, do Estado do Pará, acompanhando-se experiências socializadoras nos espaços familiares. As experiências relatadas e as pesquisas correspondentes tomaram como referência empírica uma amostra de jovens da elite [alunos de uma escola particular] e outra de jovens de camada popular [alunos de colégio público]. Trabalhando com categorias sociológicas de Bourdieu, a pesquisadora estudou as experiências de socialização dos jovens, explorando prioritariamente as instâncias constituídas pela vida familiar, pela vida religiosa e pela vida escolar, bem como pela vida cultural viabilizada pela mídia, dada a importância desses espaços como matrizes disposicionais na construção da identidade de jovens com origens sociais bastante distintas. Tratou-se de se conhecer o *habitus* dessa população jovem, ou seja, suas categorias de pensamento e julgamento. As conclusões da pesquisa, das análises e das reflexões mostram o hibridismo das disposições culturais que formam o *habitus* dessa população.

Nos dois últimos capítulos, essa visão geral é retomada e testada com base no estudo de caso de um único sujeito individual, o que confirmou o hibridismo do sistema de orientações (*habitus*) a partir da multiplicidade das referências culturais por ele vivenciadas. Tem-se então uma rica elucidação da relação dialética entre indivíduo e sociedade, ou, melhor dizendo, entre individuação e socialização, corroborando a condição do *habitus* como subjetividade socializada ou como social subjetivado.

A pesquisadora conseguiu, com muita precisão, clareza e comunicabilidade, traduzir, em seus ensaios, os resultados de sua investigação cuidadosa e rigorosa, em termos acessíveis, fazendo com que a leitura dos mesmos, além de atraente, traga ricas informações sobre a realidade da juventude amazônica, pouco conhecida no espaço brasileiro, em geral. Mas, como já adiantado, suas conclusões transcendem essa singularidade regional, representando subsídios valiosos para a discussão das questões nacionais relacionadas à identidade e à formação da juventude como tal. Por isso, considero que a pesquisa adquiriu uma dimensão que lhe dá interesse universal para um público mais amplo.

